[Recensão a] Pierre Carlier, Homère

Autor(es): Ferreira, José Ribeiro

Publicado por: Imprensa da Universidade de Coimbra

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/45381>

DOI: DOI:https://dx.doi.org/10.14195/1647-8657_39_11

Accessed : 26-Apr-2023 15:11:42

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE LETRAS

CONIMBRIGA

VOLUME XXXIX – 2000

INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

PIERRE CARLIER, *Homère* (Paris, Fayard, 1999). 415 pp., ISBN 2-213-60381-2

O *Homère* de Pierre Carlier, com uma introdução, seis capítulos, seis anexos, bibliografia e índices, fornece-nos a análise dos Poemas Homéricos pela perspectiva de um historiador.

A “Introdução” (pp. 7-21) alude à tradição biográfica sobre Homero, aduzindo os testemunhos antigos, sem esquecer as críticas de Xenófanos, de Platão, entre outros; refere as principais interpretações dos Poemas; expõe brevemente a questão homérica, suscitada pelo livro de Friedrich August Wolf, *Prolegómenos a Homero* (1850), e sublinha a tese da improvisação oral de Milman Parry e A. B. Lord e a importância dos epítetos e das fórmulas.

Indica alguns dos objectivos do livro, explicitando que procura responder a perguntas como: «Quel est le sens de l’expression “la mer vineuse”? Pourquoi Achille a-t-il repoussé l’offre de réconciliation d’Agamemnon, au chant IX de *Ylliadel* La guerre de Troie a-t-elle eu lieu? Les usages matrimoniaux décrits par Homère sont-ils cohérents, sont-ils vraisemblables, correspondent-ils à une réalité historique?» (p. 16). Conclui a “introdução” com a afirmação de que o objectivo principal do livro é examinar em que medida os Poemas Homéricos podem ser utilizados como fontes históricas (p. 20).

De acordo com os objectivos propostos, o capítulo 1, intitulado “Do mundo micénico às cidades arcaicas” (pp. 23-80), vai abordar o cenário, as sociedades e as épocas que podem estar subjacentes à *Iliada* e à *Odisseia*: fala da Idade do Bronze no Egeu e da possível chegada dos “primeiros Gregos”, das escritas usadas nessa região, com saliência para o Linear B; da descoberta das civilizações minóica e micénica, das escavações de Schliemann; e faz uma breve análise das sociedades micénicas, da sua religião, da história política e do seu declínio. Por fim, alude, de forma sucinta, à Idade Obscura e aborda a “Chegada dos Dorios”, discutindo os dados da tradição sobre esses povos, o testemunho da Arqueologia, a tese de Chadwick de que os Dórios não vieram do exterior, mas se encontravam no mundo micénico.

O capítulo 2, “Génese e transmissão dos Poemas” (pp. 81-113), aborda a tradição oral que está na base da *Iliada* e da *Odisseia*, a composição desses dois poemas - que coloca nos fins do séc. IX ou inícios do séc. VIII -, a sua passagem a escrito e transmissão, para no fim focar a *vexata quaestio* da autoria dos poemas: um só aedo para a *Iliada* e para a *Odisseia* ou dupla autoria. É, no entanto, estranho que, a propósito da passagem a escrito dos Poemas, fale da existência do pergaminho na época arcaica (p. 96, nota 1).

Os capítulos 3 e 4 fazem a análise, respectivamente, da *Iliada* e da *Odisseia* (pp. 115-188 e 189-261), aludindo ao tempo narrado e tempo referido e dando-nos um resumo comentado de cada Canto, para o primeiro poema, e discutindo a estrutura do segundo, com saliência para os erros de Ulisses, a geografia implícita no poema, os conflitos em Ítaca e as ambições dos Pretendentes, os primeiros planos de Telémaco que denunciam já a sua emancipação, os enganos de Penélope

e o triunfo de Ulisses. Embora não deixe de abordar uma ou outra questão relacionada com a língua e estilo homéricos, estes dois capítulos tratam, acima de tudo, do resumo e exposição do conteúdo dos dois poemas.

Feita esta análise rápida da *Iliada* e da *Odisseia*, o cap. 5, intitulado “As sociedades homéricas” (pp. 263-320), vai abordar alguns dos aspectos mais significativos da sociedade homérica: o *oikos*, como célula social e económica; a hospitalidade, o casamento e outras ocasiões em que se procede à oferta ou troca de presentes; a vida política, em que alude às principais instituições, como o conselho e a assembleia, e faz a distinção entre *anax* e *basileus*; os privilégios reais - e do herói em geral —, como o *geras*, os banquetes, o *temenos* e outras dádivas; a religião, a guerra, o exercício da justiça (com realce para a cena do “Escudo de Aquiles”), as qualidades de um rei (coragem e inteligência). Trata-se de uma boa análise da sociedade e cultura dos palácios homéricos.

O capítulo 6, “Homero e a História” (pp. 321-355), é uma espécie de coroamento ou de conclusão dos anteriores, já que vai tentar responder às perguntas lançadas inicialmente. Após referir a consistência e coerência da sociedade homérica — «le tableau que dressent les poèmes homériques est d’une remarquable cohérence» (p. 323) —, sublinha que ela resulta, no entanto, de uma sobreposição e amálgama de épocas: «Les interprétations et réinterprétations de nombreuses générations d’aèdes sont parvenues à créer un amalgame presque parfait» (p. 323).

Analisa, em seguida, a historicidade da Guerra de Tróia, expondo sumariamente as escavações de Schliemann, as de Blegen e a cronologia proposta por este especialista; a oposição de Finley à identificação de Tróia com a cidadela descoberta na colina de Hissarlik; e o apoio que a tese da historicidade recebe dos dados das escavações de Manfred Korfmann. Apoio que também encontra nas informações dos documentos dos Arquivos Hititas sobre Tróia.

Faz alusão à cultura material dos Poemas que, em grande parte, coincide com a que nos foi revelada pela arqueologia micénica.

Por fim, conclui com o estudo de alguns aspectos das sociedades homéricas e sua comparação com as sociedades históricas: a utilização dos carros, a organização económica, os usos matrimoniais, a religião e a vida política que predominantemente situa no tempo do poeta (pp. 344-354).

Assim, das três tendências correntes sobre a historicidade da sociedade homérica - a que situa o essencial dela nos tempos micénicos, a que coloca essa sociedade na Idade Obscura (sécs X e IX a. C.) e a que a identifica sobretudo com a época do poeta -, o autor privilegia, portanto, a terceira.

Por conseguinte, toma-se explícita e lógica a conclusão deste estudo: apesar de não deixar de recordar que se devem ter em mente as características próprias da tradição épica, escreve que «l’historien peut utiliser les poèmes homériques comme sources historiques. *Oiliade* et l’*Odissée* sont des documents exceptionnels pour reconstruire l’histoire à court terme du haut archaïsme, pour retracer l’évolution à long terme qui conduit des royaumes mycéniens aux cités grecques classiques» (p. 355).

Trata-se de uma posição perigosa. E é-o tanto mais quanto as opiniões de historiadores e arqueólogos estão longe de serem concordantes, no que respeita à época em que se deve situar essa sociedade. Pessoalmente, estou mesmo convencido de que tem mais pontos de contacto com o mundo micénico do que com a Idade Obscura ou com a época de Homero - vide o meu estudo *Hélade e Helenos - Gênese e Evolução de um Conceito* (Coimbra, 2019), pp. 39-66.

Apesar disso, estamos perante uma obra que nos dá uma boa visão dos fundamentos e contextos históricos dos Poemas Homéricos e que aborda as questões com sensatez, cuidado e prudência.

Dentro da mesma sensibilidade do historiador que procura apoiar as afirmações e fornecer dados para reflexão se situam os seis anexos (pp. 357-382) sobre: documentos minóicos, as tabuinhas micénicas ou do Linear B e sua classificação, os escribas, os trabalhadores dos palácios, as funções e títulos dos governantes micénicos.

Completam o volume uma abundante bibliografia (pp. 383-400) e índices de pessoas (pp. 401-407), de topónimos e etnónimos (pp. 409-412), além do de matérias (pp. 413-415).

JOSÉ RIBEIRO FERREIRA

MARIA ANTONIETA BRANDÃO S. RIBEIRO, *Capitéis Romanos de Beja*. Câmara Municipal de Beja, 1999, 302 p., ilustrado. ISBN: 972-96795-8-4.

Não serei, provavelmente, a pessoa mais indicada para o comentário ao livro que, recentemente, saiu a público, intitulado *Capitéis Romanos de Beja*. Assim o é porque, mais uma vez, somente terei a aprender com ele perante um quadro tão pobre quanto o é o da bibliografia portuguesa disponível sobre este assunto. Com efeito, os investigadores tendem a menosprezar e, por vezes, intencionalmente a esquecer, um património tão rico quanto importante como o é o da análise de elementos arquitectónicos de época romana. Se exceptuamos alguns investigadores, dos quais teremos obrigatoriamente que destacar Jorge de Alarcão e Theodor Hauschild, o panorama de estudo sobre estes elementos é quase nulo, restringindo-se os investigadores, quando o fazem, a uma mera referência aos mesmos, sem que sejam elaborados estudos de pormenor ou tentativas de integração arquitectónica.

Apraz-nos sinceramente que, finalmente, este panorama se modifique, revelando-se esta publicação como um contributo de extrema importância, para alertar todos quantos se debruçam sobre os temas da época romana em geral e da arquitectura em particular, perante as potencialidades de estudo que estes materiais encerram.